

## A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA ALEMÃ NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XX: PESCHEL, RATZEL E HETTNER\*

The Institutionalization of German Geograpy in turn of the Century XIX and the Start Century XX:  
Peschel, Ratzel and Hettner

La Institucionalización de la Geografía Alemana en el Cambio del Siglo XIX a Siglo XX:  
Peschel, Ratzel e Hettner

**Ricardo Devides Oliveira**

Mestre em Geografia pela UNICAMP/ DGEO –  
Instituto de Geociências  
e-mail: rdevides@hotmail.com

### Resumo

Este artigo busca compreender a institucionalização da geografia alemã enquanto um processo diverso de mudanças políticas, econômicas, culturais e estéticas, que foram acompanhadas de um aparato institucional e estrutural dado pelo Estado alemão, centralizado e unificado em 1871, e pelo Imperialismo. Com base em extensa pesquisa bibliográfica internacional e na tradução de obras originais do período, propõe-se a analisar a umbilical relação estabelecida entre *ciência e política* e entre *ciência e suporte institucional*, detectando as influências e contribuições de Peschel, Ratzel e Hettner à Geografia.

Palavras-chave: Alemanha; geografia; institucionalização.

---

\* Agradecimentos à CAPES, em um primeiro momento; e agora, à FAPESP, por todas as condições fornecidas.



## Abstract

115

This article seeks to understand the institutionalization of German geography as a diverse process of political, economic, cultural and esthetic changes, which were accompanied by a structural and institutional apparatus given by the German State, centralized and unified in 1871, and by the Imperialism. Based on extensive bibliographic international research and on the translation of original works of the period, it is proposed to analyze the umbilical "relationship" established between *science and politics* and between *science and institutional support*, detecting the influences and contributions of Peschel, Ratzel and Hettner to Geography.

Key-words: Germany; geography; institutionalization.

## Resumen

En este artículo se busca entender la institucionalización de la geografía alemana como un proceso diverso de cambios políticos, económicos, culturales y estéticos, que fueron acompañados por un aparato institucional y estructural dado por el Estado alemán, centralizado y unificado en 1871, y por el imperialismo. Basado en exhaustiva investigación bibliográfica internacional y en la traducción de obras originales de la época, se propone analizar la relación umbilical que se establece entre la *ciencia e la política* y entre la *ciencia y el apoyo institucional*, detectando las influencias y contribuciones de Peschel, Ratzel y Hettner a la Geografía.

Palabras-clave: Alemania; geografía; institucionalización.



## Introdução

A institucionalização da Geografia Moderna alemã ligou-se diretamente a um contexto político peculiar marcante e à mudança da concepção filosófica de mundo, já que o idealismo romântico de finais do século XVIII e início do século XIX, também conhecido como pensamento clássico alemão, vai ser esvaziado pelo utilitarismo da segunda metade do século XIX, característica de uma ciência aplicada com objetivos práticos (RINGER, 2000; CAPEL, 1981). A Alemanha sofre assim uma reorientação filosófica de sua ideologia, aprofundada a partir das revoltas de 1848-49, já que o humanismo clássico e romântico não mais daria conta de concretizar os anseios de uma nova sociedade que emergia unificada, industrializada, urbanizada, institucionalizada e aparada pelo capitalismo:

*"Depois do colapso de 1849, o sistema de antigos*

*valores do novo humanismo foi à bancarrota; o cimento espiritual que tinha permitido à sociedade prussiana avançar como uma unidade orgânica tinha sido completamente erodido. Nem poderia uma nova ênfase em valores religiosos tradicionais, empreendida durante o início dos anos 1850 sob o regime reacionário de Guilherme IV, fornecer uma base ideológica satisfatória e adequada para os principais elementos dinâmicos da sociedade prussiana"* (LENOIR, 2003, p.102).

O denominado antigo sistema de valores do humanismo, que tinha raízes românticas ainda bastante diluídas na sociedade alemã, e principalmente entre os intelectuais, foi constantemente perdendo espaço em uma sociedade que buscava a industrialização, unidade política, linguística, cultural e expansão de seus territórios. Neste sentido, pode ser observado, nesse período, um processo de rejeição do idealismo em face de um realismo utilitarista, como exemplificado abaixo:

*"Da metade para o final dos anos 1850, uma nova ideologia se forjou; estava baseada na satisfação de interesses materiais, na rejeição de todas as*



*formas de idealismo na vida política e intelectual – uma ênfase, em suma, em poder e realismo. Essa nova ideologia entrou inteiramente em evidência durante os anos 1860 e, até a metade dos anos 1870, forneceu os acordos unificadores dominantes de uma sociedade em mudança, comprometida com um conjunto geral de metas”* (LENOIR, 2003, p.102).

No início do século XIX, mudanças políticas como o fim do Sacro-Império Germânico (1808), a resistência à expansão napoleônica, as guerras de libertação ao norte (1808)<sup>1</sup>, as Revoluções de 1848-49<sup>2</sup>, o desenvolvimento industrial conhecido como *Gründerzeit*<sup>3</sup>, e a busca pela identidade linguística e cultural, cultivaram na Alemanha um sentimento de busca da unidade por meio da Unificação Alemã, regida por Bismarck (1815 – 1898), que

1 Sublevação popular no norte da Alemanha em reação ao domínio napoleônico. (SAFRANSKI, 2010)

2 Conjunto de manifestações populares e revoltas que caracterizaram um movimento a favor da formação de um parlamento nacional que trabalhasse em prol de uma constituição para concretizar a Alemanha unificada. (SAFRANSKI, 2010)

3 Termo designado para referir-se à fase econômica e ao boom industrial no século XIX na Alemanha e Áustria, antes da grande depressão de 1873. (SAFRANSKI, 2010)

se consolidaria em 1871 (FULBROOK, 1995; MORAES, 1989; CAPEL; 1981). O desenvolvimento industrial e técnico, concomitante a preocupação com uma estrutura educacional institucionalizada e ditada pelo Estado prussiano de tradição militar, fez surgir uma Geografia pautada pelos interesses de um Estado unificado territorialmente e pelo Imperialismo (RIBEIRO, 2009).

Da publicação da grandiosa obra de Charles Darwin, “A Origem das Espécies” (KEYNES, 2004), em 1859, até a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914, alguns grandes personagens da Geografia tiveram participação ativa no processo de institucionalização desta ciência. Estas datas são importantes na medida em que recortam um momento peculiar da Geografia; pois, em 1859, morrem os “fundadores” Alexander von Humboldt e Carl Ritter, e o darwinismo é conhecido nos meios científicos e incorporado à ciência de forma revolucionária; enquanto que em 1914 inicia-se a



Primeira Guerra Mundial, que culminaria anos mais tarde no fim do projeto imperialista e da *Volksggeist*<sup>4</sup> alemã, finalizando, assim, um ciclo na ciência geográfica.

Oscar Peschel (1826 – 1875), Friedrich Ratzel (1844 – 1904) e Alfred Hettner (1859–1941) foram importantes protagonistas no processo de consolidação e institucionalização da Geografia. Assim, eles difundiram a Geografia por meio da publicação de obras seminais, na participação em eventos, associações e sociedades, em expedições ao exterior, no trabalho junto às universidades e ocupações de cátedras de Geografia. E também pela forma como trataram a questão da natureza, do território, do espaço e nas influências positivistas e darwinistas. Contribuíram, por outro lado, nas reflexões das problemáticas internas da Alemanha e na crítica construtiva à ciência que estava posta.

---

4 Ideologia nacionalista.

## Educação e Unificação: Geografia e Imperialismo

Podemos afirmar que, na Alemanha, a relação entre a educação e o processo de unificação do Estado obteve a mesma importância que a institucionalização da Geografia teve para com o Imperialismo alemão. Este processo, contraditório em diversos aspectos, vai balizar a consolidação da Geografia enquanto ciência institucionalizada e de suma importância para o desenvolvimento da Alemanha e, neste sentido, as universidades alemãs tiveram um papel essencial.

Moraes (1989) coloca que a universidade alemã no contexto da unificação apresentava as seguintes características: “[...] equidistância formal dos problemas práticos, um grande desenvolvimento das ciências naturais especializadas [...], uma tradição especulativa com grandes traços românticos e abstratos [...] uma ligação umbilical com os deten-



tores do Poder do Estado” (MORAES, 1989, p. 62). Podemos concluir que, com a proposta imperial prussiana, a ciência em desenvolvimento adquire um caráter associativo-ideológico, com uma retórica cientificista, objetiva e neutra (MORAES, 1989). Por este caminho, a Geografia institucionalizada inicia sua fase de consolidação, com a criação de disciplinas específicas, laboratórios de pesquisa e revistas especializadas. Para Ribeiro (2009), em 1874:

*“Uma decisão governamental aponta para a criação de uma cadeira de geografia em todas as universidades do Estado. O êxito é inegável: em 1890, praticamente todas as universidades alemãs possuem um ensino especializado em Geografia, ao passo que a França tinha cinco cadeiras e a Inglaterra apenas uma. Por essas razões, Leipzig (com Peschel, Richthofen e Ratzel) e Berlim (com Richthofen e Penck) atraem inúmeros estrangeiros”* (RIBEIRO, 2009, p. 23).

Também sobre este aspecto, “[...] no final do século XIX existiam na Alemanha trinta e duas cátedras de Geografia nas universida-

des e vinte e dois institutos de pesquisa dedicados a esta disciplina” (MORAES, 1989, p. 63). Com a estrutura consolidada e superado o problema da unificação, a geografia alemã institucionalizada, com os centros universitários adotando um caráter liberal, tornou-se um ponto estratégico de aproximação das questões práticas com os debates políticos, traço marcante no início do século XX, com o desenvolvimento da Geopolítica e o romper da Primeira Guerra Mundial.

Em meados do século XIX, a Alemanha desfragmentada territorialmente e sofrendo as consequências do domínio napoleônico (RIBEIRO, 2009), marcadamente dividida entre o domínio prussiano e austríaco, vai tomar os rumos do agressivo Estado prussiano. Em 1862, Bismarck, primeiro ministro, estabelece algumas medidas em prol da unificação: amplia a unidade aduaneira, reforça o aparelho militar e realiza uma política de isolamento da Áustria (MORAES, 1989). Após as guerras aus-



tro-prussiana (1866) e franco-prussiana (1870 – 71), a prussianização funde a nacionalidade (MORAES, 1989) e a Alemanha inicia seu primeiro período enquanto nação unificada. Garantida a Unificação, a Alemanha, a exemplo da França e Inglaterra, inicia o processo de aquisição de colônias na África e na Ásia, aprofundando seu imperialismo até a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

A exaltação do espírito nacionalista, uma economia extremamente forte, uma *wissenschaftspolitik*<sup>5</sup> eficiente e a integração de diversos campos sociais em um consenso político objetivado para a unidade foram peças-chave do projeto bismarckiano de unificação. E o processo civilizador (ELIAS, 1997) levado a cabo por Bismarck buscou um equilíbrio e um dimensionamento ideal nem sempre concordante de todos estes elementos, dada as regras da *civilité*<sup>6</sup> (ELIAS, 1997), com a as-

5 Política da ciência.

6 Trata dos costumes ocidentais, entendidos também enquanto comportamentos construídos, formando a ideia de civilização. Norbert Elias explora esta questão na obra "O processo civilizador" (ELIAS, 1994).

ensão da camada social denominada de *satisfaktionfähige Gesellschaft*<sup>7</sup> (ELIAS, 1997). A regra era a aristocratização dos pensadores e a institucionalização do conhecimento, e a Geografia não fugiu à regra.

Para alguns estudiosos como Hudson (1972), a guerra franco-prussiana, que focalizou o território enquanto elemento de conflito (RIBEIRO, 2009), foi o grande momento de interesse pela geografia; pois, foi uma guerra vencida pelas armas e pelos mapas (HUDSON, 1972). Esta observação pode ser melhor compreendida na declaração do Presidente da *American Geographical Society* (1864-1899), Charles P. Daly, de que a vitória da Alemanha deveu-se a "hábeis movimentos militares realizados por um exército completamente familiarizado com todas as características geográficas do país em que foi movido" (KELTIE apud

7 "Uma expressão de que é impossível dar uma tradução direta, mas que significa uma sociedade gravitando em torno de um código de honra em que duelar, exigir e dar 'satisfação' ocupavam um lugar de arrogante destaque" (ELIAS, 1997, pg. 57), caracterizando uma burguesia ligada às universidades, aos anseios do estado militarizado e à administração pública.



HUDSON, 1885a, p. 473-74). Entre os oficiais da Prússia, em 1870, encontravam-se ex-alunos de Carl Ritter, que ensinou na Escola Militar e na Universidade de Berlim (HUDSON, 1972; MORAES, 1989), e todo esse conhecimento geográfico vai ser levado em conta quando em 1874 é definido que todas as universidades de todos os Estados alemães deveriam ter uma cadeira de Geografia. A Geografia, que já vinha obtendo destaque no ensino primário, secundário e na formação de professores desde a década de 60, partindo de uma política de popularização da ciência (RIBEIRO, 2009), adentra agora nos meios e nas organizações das Universidades, outro elemento intrínseco à institucionalização.

Em outra linha de investidas, agora mais ligada ao momento do imperialismo no período Guilhermino, temos a fundação da Sociedade Colonial Alemã (1882) e a realização da Conferência Colonial em Berlim, no ano de 1885, que fixa as normas de partilha da África (MO-

RAES, 1989). Estes são apenas alguns exemplos da incisiva política imperialista da Alemanha, que obteve uma dimensão mais global e fora da Europa, principalmente a partir do desligamento de Bismarck do governo (MORAES, 1989). Para se ter uma ideia clara da dimensão do imperialismo, no início do século XIX, os europeus tinham o controle de 35% das superfícies emersas do planeta. Cem anos mais tarde, em 1914, a proporção atingiria 84%<sup>8</sup> (FILHO, 2008).

A era dos Impérios (1880 - 1914), importante destacar, caracterizou-se pela divisão da quase totalidade do mundo conhecido, à exceção da Europa e Américas, sendo formalmente dividida em territórios sob governo direto e indireto, enquanto conquista formal, anexação e administração (HOBBSAWN, 1988). Neste novo imperialismo, a dimensão econômica vai balizar as ações dos Estados europeus coloni-

<sup>8</sup> Estes dados foram apresentados na edição comemorativa de "1.000 anos da Ciência", do periódico francês Les Cahiers de Science et Vie, em 1999. (FILHO, 2008)



zadores (HOBBSAWN, 1988). O imperialismo alemão vai se consolidar como objetivo latente do Estado, pelo caráter bélico, como um móvel de sustentação do desenvolvimento industrial do país (MORAES, 1989).

Neste momento, a geografia vai definir-se a partir dos laços entre a *ciência e política* e *ciência e suporte institucional* (RIBEIRO, 2009), sendo popularizada em todos os meios educacionais e reproduzindo, na teoria e na prática, o discurso nacionalista e expansionista, e mesmo um determinado sionismo em seus conteúdos. A pesquisa científica torna-se uma atividade paga (LENOIR, 2004); o caráter cientificista e a difusão de teses legitimadoras da proposta imperial prussiana vão dominar a geografia e as demais ciências em desenvolvimento (MORAES, 1989), e o complexo militar-industrial torna-se a essência do desenvolvimento tecnológico a serviço do Estado expansionista.

### Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner

Como explicitado anteriormente, o momento da Alemanha pós-unificação territorial será o ambiente de germinação das ideias de Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner. Mas, primeiramente, para aprofundar a análise destes pensadores, é importante destacar que as contribuições de Peschel, Ratzel e Hettner à institucionalização da Geografia não podem ser colocadas no mesmo nível ou patamar: cada um dos pensadores foi importante em determinado aspecto do conhecimento geográfico, e em um contexto específico de diferentes influências culturais e científicas, mas que teve em comum o fato de que foram essenciais ao processo de desenvolvimento de uma Geografia institucionalizada, sempre ligados ao meio universitário de Leipzig.

Oscar Peschel (1826 – 1875) vivenciou um período que foi caracterizado como o “va-



zio da geografia” (SAUER, 1934), logo após a morte de Humboldt e Ritter, ambos em 1859. Excelente publicitário e editor de importantes revistas<sup>9</sup>, Peschel pode ampliar o leque de publicações em torno de temáticas inerentes a Geografia, adquirindo grande repercussão no meio acadêmico e assumindo a recém-criada cadeira de Geografia de Leipzig, em 1871 (SAUER, 1934). Interessante notar que Leipzig pertencia ao Reino Independente da Saxônia, aliado da Áustria. Com a vitória da Prússia e a Unificação alemã, Bismarck buscou expandir os horizontes científicos e institucionais do Estado recém-unificado, formando uma construção simbólica e cognitiva de uma nova geografia, e daí a criação de uma cátedra de Geografia em Leipzig.

Sua grande contribuição à Geografia foi a crítica ao pensamento de Carl Ritter. Pes-

9 Peschel trabalhou na equipe editorial do *Allgemeine Zeitung*. Entre 1854 e 1871, foi editor da revista *Ausland*, “Negócios estrangeiros”, adquirindo experiência e conhecimento no ramo de negócios e explorações. (SAUER, 1935)

chel vai polemizar com Ritter em razão de sua orientação filosófico-histórica e divina e vai introduzir o ponto de vista morfológico (SAUER, 1935; VITTE, 2010). Na visão de Peschel, “*Si étrange que cela paraisse, Ritter n’a résolu aucun problème de géographie comparée*”<sup>10</sup> (MEHENDITI, 1901, p. 2), argumentação que surpreendeu boa parte dos pensadores da época, que consideravam Ritter um grande mestre. Enquanto que para Ritter a geografia comparada foi exercida como um tópico de comparação entre os continentes, para Peschel, o sentido de um método comparativo na geografia seria uma análise em termos de uma “*Morphologie comparée*”<sup>11</sup> (MEHENDITI, 1901, p. 2).

Peschel vai aderir ao positivismo e ao darwinismo, ao mesmo tempo em que esvazia o debate humboldtiano sobre a natureza e a arte (VITTE, 2010), e também a geogra-

10 “Por mais estranho que pareça, Ritter não resolveu nenhum problema de geografia comparada” (N.T).

11 Morfologia Comparada (N.T)



fia comparada de Ritter (CAPEL, 1981), pois o darwinismo vai apontar que a história era agora uma luta constante entre as raças humanas e a natureza (VITTE, 2010). Junto a Moritz Wagner, Peschel será também pioneiro na interpretação do darwinismo na construção teórica e metodológica da ciência geográfica. É o momento dos debates sobre o futuro da Alemanha, que vai balizar a construção política da unificação e os investimentos na industrialização, assim como a incorporação do viés utilitarista pela ciência alemã, em plena institucionalização.

Neste sentido, o darwinismo vai abrir um precedente e um campo de possibilidades interpretativas e, para a Geografia, vai permitir uma concatenação metodológica ao propiciar a construção de um método de análise científica da sociedade e dos agrupamentos humanos (CLAVAL, 1974; VITTE, 2010). Peschel foi um adepto marcante desta concepção, na introdução de *"The races of man and their Ge-*

*ographical distribution"*, "As raças do homem e sua distribuição geográfica" (1876), a obra mais conhecida na Geografia brasileira. Peschel inicia sua abordagem citando a tentativa de Lineus de colocar os homens e os macacos na mesma ordem ou subordem e utiliza Darwin para argumentar a clara diferenciação entre as duas raças, a partir da evolução biológica dos ossos pelas necessidades de adaptação ao meio. (PESCHEL, 1876). Nesta época, são intensos os debates nos meios intelectuais sobre as ideias criacionistas, e a interpretação darwinista de Peschel inicia um debate com estes círculos científicos. Nas palavras de Dickinson (1964), "Peschel, o último grande geógrafo antes de fazer sentir-se plenamente o impacto do darwinismo" (DICKINSON apud CAPEL, 1964, p. 56).

As ideias evolucionistas<sup>12</sup>, assim como o positivismo, também serão retrabalhadas

12 O termo evolução só vai ser cunhado em 1869, dez anos após a primeira publicação da "Origem das Espécies". (STOODART, 1966)



por Friedrich Ratzel (1844 – 1904) em um momento em que a Alemanha transformava-se e crescia rapidamente, tendo a ciência e a educação como grandes preocupações do Estado. Ratzel, que estuda zoologia com o biólogo monista alemão Ernest Haeckel (1834 – 1919), que vai influenciar a formação de seu pensamento a partir do momento de expansão das ideias darwinistas (MORAES, 1990; VITTE, 2009; 2010). Após participar da guerra franco-prussiana, Ratzel estuda em Munique e, entre 1873 e 1875, divulga seus primeiros trabalhos, de caráter regional, a partir de algumas viagens para a América e Europa (MORAES, 1990; WARDENGA, 2006).

Ratzel apresenta uma caracterização do Estado enquanto organismo em busca de sua necessária expansão, e a Alemanha pós-unificação altamente industrializada tinha um objetivo muito claro: a aquisição de colônias, a exemplo dos franceses e ingleses. Neste contexto, Ratzel vai teorizar o conceito de *Le-*

*bensraum*<sup>13</sup> (Espaço-vital) em sua obra *Politische Geographie* (1897), já que anteriormente a *Anthropogeographie* (1882) havia apresentado as bases de consolidação da Geografia Humana (MORAES, 1990; CARVALHO, 1997), e outros importantes conceitos como Estado e Território. Apesar de toda cientificidade que permeou o pensamento deste ilustre professor de Leipzig, suas concepções foram facilmente incorporadas pelo Estado bismarckiano e seu caráter instrumental permitiram incluí-la na *Kulturkampf*<sup>14</sup>, no final do século XIX (MORAES, 1989).

Engajado com as necessidades e o desenvolvimento de sua nação, Ratzel foi protagonista em diversos aspectos do desenvolvimento da Alemanha e na institucionalização da Geografia: combateu voluntariamente na guerra franco-prussiana, fundou a Associação de Mu-

13 Em geografia política, o conceito de Espaço vital (*Lebensraum*) foi concebido por Friedrich Ratzel, caracterizando de forma simplificada o espaço necessário para a expansão territorial de um povo, no caso, do povo alemão. (MORAES, 1990)

14 Política cultural do Estado alemão, de caráter ideológico e nacionalista. (MORAES, 1990)



nique para a Defesa dos Interesses Alemães no Exterior e participou da fundação da Sociedade Colonial, em 1884 (FONSECA, VLACH, 2003). Também ministrou palestras, orientou estudos e monografias, participou de expedições. Na Universidade de Leipzig, ocupa a cátedra de Geografia, dirigindo a Sociedade de Geografia de Leipzig, orientando diversos trabalhos e também coordenando o Comitê central para o estudo da Geografia na Alemanha, um órgão estatal destinado a levantamentos regionais monográficos (MORAES, 1990; MORAES; 1989 VALKENBURG, 1960).

Alemanha unificada, ciência e estrutura acadêmica consolidadas, alto crescimento econômico e aquisição de colônias: o início do século XX vai apresentar a Alemanha enquanto grande potência econômica, militar e científica, mas também vai expor suas contradições. Pois, também, é o momento da crise do positivismo nas ciências, já que a sociedade transformava-se e dinamizava-se rápido demais

para as grandes teorias que buscavam abarcar a compreensão da realidade no momento da divisão do trabalho, da fragmentação das ciências e do temor das grandes guerras (CAPEL, 1989; MORAES, 1989). Para se ter uma ideia, já em 1890, no apogeu de afirmação das instituições disciplinares e da profissionalização científica realizada na especialização das ciências (CARVALHO, 2010), boa parte dos acadêmicos alemães começaram a colocar em xeque a situação do ensino e, de modo geral, da vida cultural da Alemanha (RINGER, 2000).

As críticas eram direcionadas às universidades, centros do conhecimento que haviam perdido o idealismo e o humanismo tão característico da cultura alemã, em detrimento de um conhecimento extremamente materialista e positivista, pautado por um ensino mecânico e repetitivo, aliado aos objetivos do Estado em expansão, e que não estimulava os jovens ao trabalho independente, fruto de um aprofundamento cultural (RINGER, 2000). Esse sen-



timento de inacabado da academia e da cultura alemã no *fin de siècle* vai refletir tanto nas manifestações estéticas e artísticas (naturalismo, impressionismo, pré-expressionismo e expressionismo), na filosofia e história (neokantismo, historicismo, Nietzsche) e nos estudos sobre a sociedade urbana e industrial. Este é o momento da maturidade intelectual de Ratzel, e suas reflexões filosófico-artísticas seriam a base para a construção da *Über Naturschilderung* (1904), e também demarca as origens das reflexões metodológicas de Alfred Hettner.

Hettner (1858 – 1941) vivencia a crise e fragmentação do conhecimento e debate com a tradição filosófica da Alemanha, mais especificamente com os neokantianos Rickert (1863 – 1936) e Windelband (1848 – 1915), e neste sentido, buscou propor diferentes formas de análise para abarcar os estudos em Geografia, definindo alcance de métodos para uma Geografia Geral e para uma Geografia

Regional (MOREIRA, 2000). Hettner refuta a ideia de que o positivismo se justificaria por si só (MENDOZA, 1994), e tecendo releituras de Varenius e Kant, vislumbra a superfície terrestre, centrando-se em duas formas de análise: a Geografia Geral observaria a distribuição dos fatores geográficos individualmente; enquanto que a Geografia Regional, *Länderkunde*<sup>15</sup>, observaria a relação dos fenômenos em escalas menores (DIAS, 2009; WARDENGA, 2006; MENDOZA, 1994).

Hettner vivenciou inúmeras práticas que contribuíram para a consolidação de uma Geografia institucionalizada. Foi agregado à Universidade de Leipzig em 1887 a partir de tese de trabalho sobre o relevo da Suíça Saxônica. Hettner também foi assistente de Ferdinand von Richthofen na Universidade de Bonn, entre 1881 e 1882. Neste período, empreendeu algumas viagens à América do Sul: foi tutor

15 *Länderkunde* é o termo utilizado para designar a Geografia Regional proposta por Alfred Hettner. (WARDENGA, 2006). Convencionou-se, com o passar dos anos, a utilização do termo para um sentido de região também.



do consulado britânico em Bogotá, participou de expedições científicas pela Colômbia e, entre 1888 e 1890, empreendeu uma expedição por várias regiões da América do Sul em nome da Administração Geral Real Prussiana de Museus.

Já bastante conhecido pela comunidade acadêmica alemã, Hettner vai fundar, em 1895, o "*Geographische Zeitschrift*", que veio a substituir o destacado jornal *Ausland*, editado anteriormente por Peschel e Ratzel (HARTSHORNE, 1991; DIAS, 2009). Editor do *Geographische* por quatro décadas desde sua fundação, Hettner utilizou-o como um grande veículo divulgador de seus trabalhos, exercendo forte influência sobre a Geografia científica de sua época (DIAS, 2009). Influenciou uma grande geração de geógrafos na Europa e na geografia americana, dos quais podemos destacar Hartshorne, Schaefer, Sauer e Harvey (DIAS, 2009; WARDENGA, 2006).

### **Percursos e transfigurações de uma ciência institucionalizada**

Podemos afirmar que o processo de institucionalização da geografia alemã, em finais do século XIX e início do século XX, a partir dos resultados inerentes ao estudo em questão, pautou-se por elementos considerados essenciais, tais quais: a peculiaridade do desenvolvimento da Alemanha no decorrer do século XIX e início do século XX, com destaque para a unificação e o imperialismo, demonstram as razões pelo qual a Geografia ter se desenvolvido de forma tão marcante neste país; a diversidade e importância das práticas e contribuições de Peschel, Ratzel e Hettner para a institucionalização da Geografia como uma disciplina científica estruturada.

Pressupõe-se, e é possível considerar, que estes autores fecham um ciclo na Geografia, dado o recorte histórico da presente pesquisa, iniciando em 1859 e terminando em



1914-18, com o fim da Primeira Guerra Mundial e do projeto imperialista alemão. Por fim, a pertinente relação entre ciência e Estado, ciência e política, ciência e suporte institucional e, finalmente, Estado e suporte institucional, apresentando elementos que comprovam o quanto uma ciência desenvolvida e aplicada, corporativamente estabelecida, é necessária a consolidação de uma nação.

Peschel, Ratzel e Hettner vivenciaram - cada qual em sua particularidade e contexto específico de influências culturais e condições político-econômicas - o processo de Unificação da Alemanha e o Imperialismo. Assim, por meio do engajamento para com a ciência em questão, puderam contribuir, de forma marcante, para a institucionalização da Geografia enquanto uma disciplina e um conhecimento científico dotado de uma substancial base teórica e metodológica, sempre ligados ao meio científico da Universidade de Leipzig.

O pensamento de Peschel desenvolveu-

-se no "vazio da geografia", após a morte de Alexander von Humboldt e Carl Ritter, e o mesmo observou a crescente divulgação do darwinismo e o recrudescimento do positivismo para com a ciência aplicada e utilitária, que seguia os direcionamentos do Estado alemão. Exímio publicitário e editor divulgou diversos trabalhos de cunho geográfico, e sua crítica de Ritter com a Morfologia Comparada iria estabelecer algumas bases para o desenvolvimento da Geografia e da Geomorfologia. Peschel vivenciou todo o alvoroço, por assim dizer, das revoluções populares de 1848-49, até os momentos cruciais da unificação alemã. Com a divulgação do darwinismo e o "esquecimento" de Humboldt e Ritter, vai desenvolver uma interpretação darwinista na Geografia com base em uma Morfologia Comparada.

Ratzel publica seus principais trabalhos no momento da Unificação e pós-unificação da Alemanha. Também é influenciado pelo darwinismo e positivismo, mas em menor intensida-



de comparado a Peschel; pois, seu pensamento científico foi de uma diversidade profunda, repleto de influências diversas. Ratzel incorpora a noção de organismo ao Estado, teoria interessante aos anseios de Bismarck. Considerado o Pai da Geografia Humana, engajado com as movimentações políticas de seu país e com a institucionalização da Geografia, fez viagens, ocupou cadeiras de Geografia, ministrou palestras, aulas e orientações, e possui uma vasta obra ainda pouco explorada pela Geografia, principalmente no Brasil.

Interessante em Ratzel - e este é certamente o grande avanço da pesquisa - foram as reflexões que marcaram a maturidade intelectual até a sua morte, em 1904, no momento da crise do positivismo e fragmentação das ciências. Diferentemente do conjunto geral de suas obras e pouco absorvidas pela ciência geográfica, seu último trabalho foi marcado por uma reflexão profunda sobre o papel da arte e da interpretação da natureza na ciência

que, até então, estava posta, provavelmente influenciado pelo complexo cultural do *fin de siècle* e pela cultura romântica alemã; adormecida, inclusive. Estudos recentes como a transcrição<sup>16</sup> e tradução da *Über Naturschilderung* (Sobre a narração da natureza), trazem à luz do conhecimento uma gama de discussões estéticas e uma forte reflexão sobre a importância da narração da natureza na Geografia, não somente como um suporte ou acréscimo, mas também como parte integrante de um holismo geográfico. Com o segundo capítulo, *Wissenschaft und Kunst*, traduzido e publicado (GEOgraphia, 2010), e o primeiro, *Beschreibung und Schilderung*, em processo final de tradução, um novo Ratzel está sendo redescoberto; um Ratzel que buscou estabelecer, de forma corajosa, uma profunda relação entre arte e ciência, e não se esqueceu do espírito

16 A presente obra de Friedrich Ratzel, 2ª edição de 1906 publicada em Berlim e Munique, encontra-se em alemão gótico, de letra FRAKTUR. Assim, o processo de tradução do segundo capítulo compreende, primeiramente, a transcrição do alemão clássico para o alemão moderno; depois, a tradução do alemão para o português.



romântico alemão, tão esvaziado e dissolvido ao longo do século XIX.

O aprofundamento das questões metodológicas, em Geografia, será papel de Alfred Hettner, ao perceber e refletir sobre a nova dinâmica da sociedade no século XIX, assim como a Primeira Guerra Mundial no início do século XX, momento marcante para os rumos da sociedade e das ciências, em crise com o positivismo. Define alcance de métodos em Geografia Geral e Geografia Regional, destaca o conceito de Região e vai influenciar sobremaneira a Geografia americana, principalmente a teoria da diferenciação de áreas de Richard Hartshorne. Seu momento histórico, diferentemente de Peschel e Ratzel, foi marcado pela Geografia consolidada institucionalmente e subsidiada pela crise da racionalidade científica positivista, e também pelo esfriamento do poderio alemão dado os resultados finais da Primeira Guerra Mundial.

Peschel, Ratzel e Hettner foram essen-

ciais o processo diverso, dinâmico e, muitas vezes, contraditório da institucionalização da Geografia na Alemanha. Muitas contribuições teóricas e metodológicas importantes até os dias atuais datam de reflexões e intercâmbios desta época, que consolidaram um programa curricular e um modelo universitário para boa parte da Europa, como por exemplo, a escola francesa de Geografia, com Vidal de La Blache. É importante dizer que estes pensadores não foram os únicos e também não podem ser colocados no mesmo nível de contribuições e práticas. Uma vez que vivenciaram uma época conturbada, de mudanças profundas e rápidas e, neste sentido, participaram de uma sociedade e de um momento cultural e científico diferente, apesar de estarem ligados ao processo maior de unificação do Estado alemão e institucionalização da Geografia.

Não obstante, o aprofundar dos elementos que nortearam o processo de institucionalização da Geografia alemã, demonstra e apre-



sentam uma riqueza de detalhes nas práticas sociais e culturais de seus protagonistas, que são didáticas e exemplares para compreender o processo de institucionalização de uma ciência. Do ponto de vista das contribuições teóricas e metodológicas, é possível distinguir conhecimentos que foram úteis ao processo de institucionalização e observar uma continuidade entre os pensadores analisados: a interpretação do darwinismo por Peschel e o esvaziamento do pensamento de Humboldt e Ritter vai delimitar alguns caminhos para Ratzel estabelecer, em momento posterior, as bases para a Geografia Humana com a *Anthropogeographie* e definir alguns de seus principais conceitos. Ratzel aprofunda o desenvolvimento teórico e Hettner vai situar e analisar as questões metodológicas, fornecendo um novo modo de fazer e ver a Geografia, a partir do ponto de vista da região.

Na outra margem da institucionalização da Geografia estão conhecimentos e perspec-

tivas desenvolvidas na época, que não foram tão importantes, já que estiveram restritas a um conjunto de ações e interesses, mas que estão a nosso dispor, ressalvadas as inerentes limitações de idiomas, a quem queira se aventurar no aprofundamento da história e epistemologia da Geografia. Sob esta ótica, o resgate da *Über Naturschilderung*, em especial, e a tradução e compreensão de seu conhecimento poderão fornecer um leque de possibilidades teóricas e metodológicas para repensar a Geografia atual.

O pensamento geográfico renova-se na medida em que procuramos abrir novas possibilidades de reflexões em alguns momentos marcantes da história da Geografia, e inserimos estas reflexões para as questões atuais da epistemologia em Geografia. Neste sentido, a pesquisa nos oferece novos fatos, processos e conhecimentos que foram pouco explorados e mesmo ignorados por diversos motivos. O conjunto das obras destes pensadores é vas-



tíssimo; conhecemos apenas uma pequena parcela do que já foi escrito e publicado pelo e sobre os mesmos, seja pela falta de traduções, seja pela falta de interesse por este campo de pesquisa. Neste sentido, a proposta deste artigo consistiu em apresentar um novo ponto de vista da institucionalização da Geografia, em suas dimensões teóricas, metodológicas, políticas, estruturais, sociais e culturais; assim como parte integrante da dinâmica de um Estado em consolidação.



## Referências Bibliográficas

134

CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciência en la geografía contemporânea**. 3ªed. Barcelona: Barcanova, 1981.

CARVALHO, Marcos B. Diálogo entre as ciências sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844-1904). **Biblio 3w. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, nº 34, 1997.

CARVALHO, Marcos B. Friedrich Ratzel (1844 – 1904): “O insípido está sempre incorreto”. **GEOgraphia**. Rio de Janeiro, v. 12, 23, pg. 140-156, 2010.

CLAVAL, Paul. **Evolución de la geografía humana**. Barcelona: Oikos-Tau, 1974.

DIAS, Elisabeth H. **A Natureza da geografia e seus métodos em Alfred Hettner**. 2009. 93 pg. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Geografia, Centro de Tecnologia e Ciências, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.

DICKINSON, Robert E. **Germany: a general and regional geography**. [S.I.], Taylor & Francis, 1964.

DUNBAR, Gary. S. **Geography: discipline, profession and subject since 1870**. Netherlands: The GeoJournal Library, 2001



ELIAS, Norbert. **Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FONSECA, Sandra R. B. M; VLACH, Vânia R. F. **Uma introdução à geopolítica clássica: de Ratzel a Haushofer**. SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2., Uberlândia: UFU, 2003.

FULBROOK, Mary. **Historia de Alemanha**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

FILHO, Oswaldo B. A. Literatura de explorações e aventuras: As "viagens extraordinárias" de Júlio Verne. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20 (2), pg. 107-119, 2008.

GODOY, Paulo R. T (org). **História do pensamento geográfico e epistemologia da Geografia**: São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.

HETTNER, ALFRED. **La naturaleza de la geografía y sus métodos** (1927). MENDOZA, Josefina G et al JIMÉNEZ, Julio M; CANTERO, Nicolás O. **El Pensamiento Geográfico**. 2º ed. Madrid: Alianza, 1994.

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 3º ed., 1982.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 8º Ed., 2003.



HOLBORN, Hajo. **The history of modern Germany**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1982.

HUDSON, Brian. The new geography and the new imperialism (1870 – 1918). **Antipode**. v. 9, 2, pg. 9 – 12, 1972.

JAPIASSU, Wilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

KEYNES, Richard. **Aventuras e descobertas de Darwin a bordo do Beagle**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.

LIVINGSTONE, David. N. **The geographical tradition**. Blackwell Publishers: Oxford, 1993.

LENOIR, Timothy. **Instituindo a ciência: A produção cultural das disciplinas científicas**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2003.

MEHENDITI, S. La géographie comparée d'après Ritter et Peschel. **Annales de Géographie (Persee)**. v. 10, nº49, pg. 1-9, 1901.

MORAES, Antonio Carlos R. **A gênese da geografia moderna**. A particularidade histórica da Alemanha e a gênese da geografia moderna. In: MORAES, Antonio Carlos Robert. A Gênese da geografia moderna.



São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

MORAES, Antonio Carlos R. **Ratzel: geografia**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MOREIRA, Ruy. Nossos clássicos: Alfred Hettner (1858 – 1941). **Revista GEOgraphia**. Rio de Janeiro: UFF, ano II, n. 3, 2000.

PESCHEL, Oscar. **The races of man and their geographical distribution**. 2º ed. London: Henry S. King & Co. London, 1876.

RATZEL, Friedrich. **Über Naturschilderung**. 2º ed. Deutsche: Munique und Berlin, [s.n.], 1906.

RIBEIRO, Guilherme. Luta pela autonomia e pelo território: geografia e os estados alemão e francês na virada do século XIX ao século XX. **Revista Mercator**. Ceará: Fortaleza: UFC, ano 08, n. 15, 2009.

RINGER, Fritz K. **O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã (1890 – 1933)**. São Paulo: EDUSP, 2000.

SAUER, Carl. Oskar Peschel. **Encyclopedia of the social sciences**. New York: v. 13, 92, 1934.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: uma questão alemã**: São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SMITH, Woodruff D. **Politics and the sciences of culture in Germany: 1840 – 1920**: New York: OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1991.

STODDART, D. R. Darwin's impact on geography. **Annals of the association of American geographers**. EUA, n. 4, v. 56, pg 683 – 698, 1966.

VITTE, Antonio C. **Da teleologia da natureza ao darwinismo: mutações e possibilidades interpretativas sobre a construção da geografia física moderna**. ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2., Montevideo: Uruguai, 2009.

VITTE, Antonio C. **Relações entre o darwinismo e a teologia na institucionalização da geografia na Alemanha: o caso da geografia física**. São Paulo: 2010. [mimeografado].

VALKENBURG, Samuel Van. The german school of geography. In: Taylor, Griffith. **Geography in the 20th century**. Londres, [s.n.], 1960.

WARDENGA, Ute. German geographical thought and the development of Länderkunde. **Inforgeo**, 18/19, Lisboa, Edições Colibri, pp. 127-147, 2006.

